

Mais uma vez o Conselho Universitário demonstra a vocação em tomar atitudes corajosas de exaltação do passado da universidade, porém, abdicando dessa postura quando se tratam de temas da atualidade que possam "comprometer" a sua imagem.

Na sessão ordinária do Consun, de 27/8, deveria ter sido discutida a questão proposta anteriormente pelo padre Júlio Lancellotti, no sentido de que a PUC-SP se posicionasse quanto ao conflito na Faixa de Gaza e à violência contra os movimentos sociais.

Dos quatro conselheiros encarregados de redigir a moção sobre o conflito, três não compareceram à sessão: padre Júlio Lancellotti, Madalena Peixoto, da Educação, e Carlos Husek, da Faculdade de Direito. O vice-reitor nomeado, Martinez, esclareceu que foi redigido um texto original, com o qual não concordou o professor Husek e que se responsabilizou em redigir uma nova versão. No entanto, até a data da reunião do Consun, esta nova versão não havia chegado à presidência do Conselho, o que obrigou a transferência da pauta para a próxima sessão.

Dessa maneira restou aos conselheiros se debruçarem sobre o relatório parcial da Comissão da Verdade da PUC-SP, ponto incluído à última hora na pauta, o que tornou a discussão menos burocrática.

## RELATÓRIO PARCIAL

A professora Salma Tannus Muchail apresentou um relatório parcial, uma exigência da Comissão da Verdade central para todas as demais Comissões. Como principais itens do documento, que conta com cerca de 30 páginas, a professora Salma destacou: a PUC-SP na década de 60; o movimento estudantil da época;

**CONSUN APROVA**  
**RELATÓRIO PARCIAL DA**  
**COMISSÃO DA**  
**VERDADE**  
*Mas decisão da posição da universidade sobre questão palestina é adiada*

as Comissões Paritárias, como experiência de resistência acadêmica; a resistência das organizações armadas: mortos e desaparecidos; a PUC-SP nas décadas de 70 e 80; a acolhida de professores perseguidos ou expurgados; a 29ª Reunião da SBPC; a reorganização do movimento estudantil; a invasão da PUC-SP; a PUC-SP e as lutas pela Anistia e o Tuca, espaço de resistências cultural e política.

Para Salma, "este parcial e breve relatório significa, sem dúvida, o registro de um passado que nos compete orgulhosamente preservar. Mas significa também uma referência viva que hoje, na condução do presente e dos rumos futuros da nossa universidade, nos cabe honrar".

Vários conselheiros encaminharam elogios ao documento, citando principalmente as suas participações na história que en-

volveu a PUC-SP na ditadura militar. O conselheiro administrativo, Nalcir Ferreira Jr., parabenizou o trabalho da Comissão e enfatizou que, apesar deste trabalho de preservação da memória, temos visto cotidianamente a história de resistência da PUC-SP sendo empurrada para baixo do tapete. Já a conselheira discente da Faculdade de Direito Elisa de Oliveira Silva, lembrou que para mantermos viva esta memória é necessária a participação de todos os membros na vida universitária.

O relatório final das atividades concluídas em 2014 deverá ser apresentado até o final do ano e disponibilizado à comunidade.

## REPRESAMENTO

A professora Cibele Saad, representante docente do campus Sorocaba, colocou uma questão sobre a qual ela tem sido constantemente cobrada: o represamento tem impedido professores da universidade de ingressarem ou subirem na carreira. Para a docente, esta tem sido a causa da fuga de muitos professores para outras universidades nas quais as condições de trabalho e salário são mais vantajosas.

## Manifestação do Conselho da Faficla

A professora Salma também leu ao Consun uma manifestação do Conselho da Faficla sobre o processo de investigação preliminar instaurado contra três docentes daquela unidade.

O documento assinala que a extinção definitiva do processo de investigação preliminar instaurado contra os 3 professores constitui "procedimento administrativo absolutamente esperado do ponto de vista institucional, legal e administrativo, contribuindo para dissolver, com a

urgência que o caso requeria, repercussões desfavoráveis e continuadas na imagem pública da PUC-SP em âmbito nacional e internacional".

O documento também ressalta que "o Conselho da Faficla avalia que a instauração de processos semelhantes deva ser terminantemente evitado nos campi da PUC-SP, (1) em nome dos princípios democráticos que salvaguardam a liberdade e a diversidade de pensamento, expressão e opinião, marcantes na tradição

e no legado de nossa instituição, nas comunidades interna e externa; (2) em favor de uma visão de universidade permanentemente alicerçada no diálogo e na tolerância como formas de resolução de seus conflitos; e (3) em consideração ao lugar de altíssima relevância que a PUC-SP ocupa na história institucional, política e cultural do Brasil e da América Latina, com uma imagem vinculada à defesa incondicional dos valores democráticos".

# Lançamento da Revista PUCviva discute 50 anos do golpe militar

Na quinta-feira, 28/8, às 19h, o número 44 da Revista PUCviva foi lançado no auditório 239, na PUC-SP Campus Perdizes. No lançamento da edição, que tem como tema os 50 anos da ditadura militar no Brasil, houve um debate acerca dos anos de chumbo, a fim de analisar os balanços da ditadura e os resquícios que o período deixou.

Abrindo o debate coordenado pela ex-diretora da APROPUC Priscilla Cornalbas, Erson de Oliveira, também ex-diretor da APROPUC traçou um panorama do período que antecedeu o golpe, classificando os anos 50 e 60 como "gestação da crise pré-revolucionária", visto que o presidente Jango, que ficou no poder de 61 a 64, era incapaz de controlar os movimentos grevistas e fazer reformas de base. Como não havia um partido consolidado para lutar contra os militares, o golpe foi certo. E para concluir ele afirmou que "democracia e ditadura militar não são antagônicas do ponto de vista da classe dominante, que detém o poder".

## A IMPRENSA E A JUVENTUDE

Já Luiz Antônio Dias, doutor em História Social, discorreu sobre a participação do jornal Folha de S.Paulo no golpe militar de 64. O veículo impresso atacava constantemente Jango, acusando-o de infiltrar o comunismo no governo brasileiro. De acordo com pesquisas de opinião realizadas na época, as intenções de voto da população brasileira davam grandes chances de Jango ser eleito. Porém, o resultado das pesquisas, que, segundo Luiz Antônio, poderiam desestimular muito os militares, não foi divulgado no período.

O histórico de lutas dos estu-



MARCELA REIS

Da esquerda para a direita, Luciana Ribeiro, Renato Tadeu Veroneze, Priscilla Cornalbas, Erson Martins de Oliveira, Bia Abramides, Luiz Antonio Dias e Gislene de Lacerda

dantes durante os anos de chumbo ficou a cargo de Bia Abramides, diretora da APROPUC, que contou do emblemático ano de 68, marcado pela formação política e ideológica da juventude. "A luta estudantil da época era anticapitalista, anti-imperialista e pela implantação do socialismo" afirmou. Durante o regime militar, os jovens também se mobilizaram contra o acordo MEC-Usaid, copiado dos EUA, que modificaria completamente os moldes universitários.

## TRANSIÇÃO DEMOCRÁTICA E LUTAS MARGINALIZADAS

O período de 74 a 85 foi o tema da fala de Gislene de Lacerda, mestre em História, que defendeu que durante esses 11 anos, a transição democrática do Brasil aconteceu, visto que o primeiro presidente civil assume em 85. A partir de 74, se inicia a reorganização dos movimentos sociais, que reivindicavam implantação da lei da anistia, eleições diretas para presidente, legalidade dos partidos políticos, fim das torturas e liberdade democrática e de manifestação.

Luciana Ribeiro, mestranda em Serviço Social, falou sobre o movimento feminista durante a ditadura e a dificuldade que as mulheres encontravam para serem reconhecidas na luta. A repressão ao sexo feminino vinha da própria esquerda, que secundarizava a luta feminista, não englobando-a na luta de classes. As mulheres reivindicavam a criação de creches públicas, o fim do arrocho salarial e melhores condições de vida.

"O movimento LGBT\* começou a despontar quando se percebeu que as mulheres estavam se organizando em busca de seus direitos e era necessário fazer o mesmo", afirmou Renato Tadeu Veroneze, doutorando em Serviço Social. Sua fala focou o movimen-

to LGBT\* durante os anos de chumbo e na maneira que essa população marginalizada era tratada: tinham que ficar em seus guetos; a orientação sexual era pouco tolerada, mas de modo algum aceita.

O financiamento e patrocínio do golpe, por parte de empresas, foi abordado por Soraya Misleh, jornalista e mestre em Letras, que disse categoricamente que "a ditadura foi empresarial militar, pois uma ampla rede de empresários ajudou na formação da lista negra dos militares". Toyota, General Motors, Ford, Federação das Indústrias de São Paulo (FIESP) e Volkswagen são alguns exemplos de empresas que financiaram a ditadura e continuam influentes no mercado.

**PUCviva**

Publicação da Associação dos Professores da PUC-SP e da Associação dos Funcionários da PUC-SP.

**Editor:** Valdir Mengardo

**Reportagem:** Marcela Reis, Marina D'Aquino e Ana Gabriela Coelho

**Fotografia:** Marina D'Aquino

**Projeto Gráfico, Edição de Arte e Editoração:** Valdir Mengardo e Ana Lúcia Guimarães

**Conselho Editorial:** Maria Beatriz Abramides, João B. Teixeira, Hamilton Octavio de Souza e Victoria C. Weischtordt

**Apropuc:** Rua Bartira 407 – CEP: 05009-000 – Fone: 3872-2685.

**Afapuc:** João Ramalho 182, 7º andar – Fone: 3670-3391.

**PUCviva:** 3670-3391 – **Correio Eletrônico:** pucviva.jornal@uol.com.br – **PUCviva na Internet:** www.apropucsp.org.br

As matérias assinadas não expressam necessariamente as posições das entidades e da redação.

# GT analisa perfil de contratos docentes do pós-graduação

Na segunda-feira, 25/8, o Grupo de Trabalho (GT) que analisa os contratos de trabalho docente debruçou-se sobre as diferentes formas de contratação do setor de pós-graduação. A discussão principal envolveu a forma de distribuição das horas docentes que é feita hoje em comparação com a proposta aprovada pelo Consun em 2011. O professor Marcio Alves da Fonseca, diretor da Fafcla, lembrou a necessidade de se estabelecer faixas de distribuição de horas por programa, relacionadas ao número de orientandos que cada programa tem. Hoje existem números fixos de orientandos por orientador e que estão além dos pisos estipulados pela Capes, Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior. Assim, para ter

um contrato de 10 horas, o docente, hoje, tem que orientar cinco alunos, enquanto a Capes prevê apenas quatro; para um contrato de 20hs, o docente orienta 10 alunos, enquanto a Capes prevê oito.

Os docentes presentes à reunião ressaltaram a importância de se manter os parâmetros estabelecidos pela Capes, condição fundamental para que a universidade obtenha melhor pontuação nos rankings universitários e o professor melhores condições de trabalho.

Outra preocupação refere-se ao credenciamento de docentes para a pós que deverá ser efetivado confrontando-se as condições de pesquisa, orientação e as disciplinas do docente, o que, hoje, torna-se complicado, principalmente pela

desvinculação em curso da pesquisa e extensão do contrato. Foi discutida também a possibilidade de adotar-se um mínimo e um máximo para atribuição de orientandos.

O secretário-geral da Fundação São Paulo, padre Rodolpho Perazollo enfatizou a necessidade da manutenção do princípio da matrícula financeira como critério para a abertura de turmas e que o cálculo de ocupação das turmas em andamento deve sempre seguir o número de alunos efetivamente matriculados e quites com a tesouraria. Esse critério tem sido danoso para um grande número de docentes que completariam suas turmas poucos dias após a data limite da matrícula financeira, quando alunos retardatários efetuam o pagamento. E, no

entanto, veem suas turmas inviabilizadas por diferença de um ou dois alunos.

O secretário também criticou a existência, em algumas unidades, de contratos de cinco horas, TP-5, enfatizando que o compromisso mínimo do docente deveria estar em torno da TP-12 - mínimo admitido pelo MEC como contrato de tempo parcial.

A próxima reunião acontece nesta segunda-feira, 1/9, às 10h, quando espera-se que a questão contratual referente à graduação venha à baila e se delinham as primeiras propostas de contrato.

**Professor informe-se sobre o andamento das discussões de nossos contratos na APROPUC: segunda-feira, 1/9, às 18h.**

## Sobre a redução de carga horária

O contrato de trabalho entre o professor e a instituição possibilita que o docente leccione em quaisquer unidades educacionais, exceto se houver restrição ou cláusula específica.

Esse contrato não pode ser alterado unilateralmente, isso significa que para qualquer alteração na carga horária, mudança de turno ou dia de trabalho, transferência de disciplina, curso, entre outras alterações possíveis, é necessário existir concordância do professor e seu empregador para que o contrato permaneça.

A exigência de concordância mútua, formalmen-

te estabelecida, é de extrema importância, e não importa de quem partiu a iniciativa de propor a mudança. Assim sendo, caso não seja do interesse do professor a ocorrência dessas alterações, o contrato de trabalho provavelmente será rescindido, sem justa causa do docente, tanto para lecionar na graduação quanto na pós-graduação.

A rescisão do contrato de trabalho implica no pagamento das verbas rescisórias a que o trabalhador tem direito, tais como saldo de salário, aviso prévio indenizado, férias vencidas e um terço de férias, férias propor-

cionais e um terço de férias proporcionais, 13º salário proporcional, Fundo de Garantia por Tempo de Serviço (FGTS), multa de 40% sobre o saldo do FGTS, seguro desemprego.

Da mesma forma a Convenção Coletiva de Trabalho do Ensino Superior 2013-2014 regulamenta a mudança de disciplina que só poderá ocorrer com o consentimento expresso e por escrito do professor, sob pena de nulidade da referida transferência.

O artigo 35 desta convenção regulamenta a irreduzibilidade de carga horária e de salário assinalando

que "é proibida a redução de remuneração mensal ou de carga horária, ressalvada a ocorrência do disposto nas cláusulas, redução de carga horária por extinção de disciplina classe ou turma" e "redução de carga horária por diminuição do número de alunos matriculados" da presente Convenção, ou ainda, quando ocorrer iniciativa expressa do professor. Em qualquer hipótese, é obrigatória a concordância recíproca, firmada por escrito.

**Veja a íntegra deste esclarecimento no site [www.apropucsp.org.br](http://www.apropucsp.org.br)**

# DEFENDA OS SEUS DIREITOS

Prezado (a) Professor (a),

Saudações,

Nosso objetivo é convidá-lo (a) para associar-se à APROPUC. Nossa associação tem 39 anos de atividades, foi fundada e é mantida exclusivamente pelos professores da PUC-SP. A APROPUC tem uma longa e respeitável história de lutas na defesa da categoria profissional, na conquista de direitos para todos nós, na negociação de acordos coletivos e no enfrentamento de processos judiciais que resguardem os interesses dos professores.

Além de atuar o tempo todo para impedir que as conquistas e os direitos trabalhistas sejam aviltados e destruídos, a APROPUC desenvolve inúmeras atividades culturais, sociais e políticas que visam estimular a cultura

e elevar o nível de consciência dos professores, assim como a união e o fortalecimento da categoria e de suas lutas.

Por isso publicamos o mais antigo jornal da PUC-SP, o **PUCviva**, que circula há mais de 20 anos ininterruptamente; publicamos as revistas PUCviva e Cultura Crítica; mantemos um site; realizamos debates sobre temas relevantes da atualidade e organizamos saraus com músicos, poetas e artistas da Universidade.

Por isso, também, mantemos constante diálogo com os estudantes e funcionários da PUC-SP e prestamos solidariedade aos movimentos sociais que se empenham por uma vida melhor na sociedade brasileira.

Sabemos que as diretorias e as gestões da APROPUC passam, são transitórias e podem ser substituídas por processos eleitorais democráticos, mas a entidade persiste, continua existindo e tem a sua finalidade fundacional preser-

vada e mantida enquanto a própria PUC-SP estiver em funcionamento. Você pode ter discordâncias com uma ou outra gestão da APROPUC, mas o que importa mesmo é que a entidade dos professores exista, seja mantida e esteja sempre ao nosso lado.

O nosso convite é que você seja associado da APROPUC. Basta inscrever-se pelo site [www.apropucsp.org.br](http://www.apropucsp.org.br), pelo e-mail [apropuc@uol.com.br](mailto:apropuc@uol.com.br), pelo telefone (11 3872-2685) ou diretamente na nossa sede, à Rua Bartira 407.

A sua associação fortalecerá a APROPUC e a força da APROPUC é fundamental para defender direitos e conquistas dos professores.

Atenciosamente,

Diretoria da APROPUC

## FORTALEÇA A LUTA DOS PROFESSORES ASSOCIE-SE À APROPUC

Basta entrar no site [www.apropucsp.org.br](http://www.apropucsp.org.br),  
escrever para [apropuc@uol.com.br](mailto:apropuc@uol.com.br), telefonar  
para 11 3872-2685 ou inscrever-se na  
sede da entidade, à Rua Bartira 407

**Defenda seus direitos**

## Assistentes sociais enfrentam condições de trabalho precárias

Assistentes sociais e psicólogos do Núcleo de Assessoria Técnica Psicossocial do Ministério Público do Estado de São Paulo (NAT), entre eles duas pós-graduandas da PUC-SP, enfrentam sérios problemas devido à transferência de seu posto de trabalho para um prédio localizado à Rua Senador Feijó, que não oferece condições mínimas de habitabilidade.

Segundo denúncia encaminhada pelo Sindica-

to dos Servidores do Ministério Público do Estado de São Paulo (SINDSEMP-SP), há muita sujeira, presença de insetos/animais, janelas e vidros quebrados, fiações expostas, móveis abandonados, ausência de equipamentos de segurança (como extintores, sinalizações de saídas de emergência, etc.), elevadores quebrados/abandonados, há muita umidade nas salas e muito lixo. Não há condições de acessibilidade

física, informações sobre o sistema de abastecimento de água e instalações elétricas do prédio. O imóvel se encontra completamente deteriorado e a insuficiência de segurança não garante a segurança patrimonial e nem a dos funcionários no local, conforme comprovam as fotos publicadas no endereço: <https://www.facebook.com/pages/Sindsemp-SP/809764489067668#>.

Após uma denúncia

apresentada pelo telejornal Bom Dia São Paulo, da Rede Globo, o Ministério Público tomou algumas providências, porém a situação do prédio continua precária, não oferecendo condições de trabalho adequado aos profissionais. A APROPUC se solidariza com as reivindicações e espera que sejam tomadas as devidas providências para oferecer condições de trabalho adequadas a todos os profissionais.

## FALA COMUNIDADE

# De Copenhague a São Paulo: o porquê das bicicletas

*Cauê Seginmartin Ameni  
e Manuela Beloni*

Enquanto a Europa planeja se integrar com mais de 70 mil km de ciclovia e outras cidades almejam se ver livre dos carros nos próximos anos, São Paulo começa a caminhar no mesmo rumo: a prefeitura deseja construir, nos próximos dois anos, 400 quilômetros de ciclovias. No entanto, mal a alternativa foi anunciada, alguns focos de indignação têm convertido essa solução num suposto problema. Quando não são especialistas criticando a novidade na mídia, a indignação precipitada surge entre os próprios moradores.

Semana passada foi a vez de um grupo de moradores e comerciantes de Santa Cecília - um bairro no Centro da cidade - mostrarem-se contrários à implementação de ciclofaixas na região. Fizeram "protesto"... na delegacia de polícia! - onde registraram um boletim de ocorrência. Sem saber a natureza da queixa registraram: "preservação de direito". Colocar os direitos individuais acima dos direitos coletivos, sobretudo quando se trata de um espaço público como a rua, suscitou a resposta pública de um grupo de moradores e ativistas da região. O Movimento Coclofaixa na Santa Cecília, que já marcou uma bicicletada para a próxima segunda (25/8), a fim apoiar a novidade e abrir o debate para os demais moradores da região.

O Conselho Comunitário de Segurança do bairro (Conseg), que registrou a queixa, deveria concordar que o aumento da circulação de pessoas na região, aumentaria consequentemente a segurança dos moradores e co-

merciantes. O ex-prefeito de Bogotá, Enrique Peñalosa, comprovou isso quando incentivou o uso de bicicleta para melhorar a segurança pública. Para o economista, historiador e ex-governante, "segurança não é só assunto de polícia: tem a ver com urbanismo, mobilidade e cultura". Segundo ele, uma cidade só é feita com gente na rua - e o incentivo ao uso da bicicleta contribui para isso. Bogotá conta hoje com 359 km de ciclovia.

Com 11,6 km já entregues, o plano do prefeito Fernando Haddad para a maior capital da América do Sul vai na mesma linha. Para chegar à meta final, pretende-se implantar 10 km por semana. Ao final, terão ciclovias 2,3% do total de ruas e avenidas na cidade - se considerarmos que São Paulo tem 17,2 mil km de vias pavimentadas. Se levarmos em consideração estudo do engenheiro de transportes Horácio Figueira que concluiu que apenas 20% dos paulistanos locomovem-se regularmente de carro - mas ocupam 80% das vias da cidade - o projeto faz um pouco de justiça na divisão do trânsito caótico da cidade.

Outras críticas correntes na mídia apoiam-se na opinião de um dos "especialistas" da imprensa, Sérgio Ejzenberg, comentarista de trânsito do jornal SPTV, da TV Globo. Segundo ele, em entrevista recente publicada no Estadão, as ciclovias "estão criando uma demanda [de uso da bicicleta] que não existe" e não terão utilização em dias de frio e chuva.

As opiniões de Ejzenberg, que já criticou as faixas exclusivas de ônibus, não resistem aos dados. Segundo pesquisa realizada em 2012 pela Rede Nossa

São Paulo e Instituto Ibope, 65% das pessoas aceitaria deixar o carro em casa se outras opções, como transporte público e bicicleta, fossem viáveis. O índice sobe para 81% entre as pessoas com nível superior.

Os dados da pesquisa de Horácio Figueira também apontam que: "Quando medimos as viagens diárias feitas na cidade, percebemos que os carros são minoria: 38,42% dos deslocamentos são coletivos (transportes públicos), 30,78% individuais (carros e motos) e 30,80% não motorizados (a pé e de bicicleta)".

As experiências em outras grandes capitais com problemas de trânsito mostraram um histórico semelhante. Não se faz uma ciclovia a partir da demanda gerada por ciclistas, mas sim para convidar as pessoas a optarem por outros meios de transporte, que não o carro. Sabemos que cada cidade possui a sua peculiaridade, e deve buscar soluções específicas para seus problemas. Entretanto, alguns exemplos podem nos inspirar, ou no mínimo nos fazer entender que os processos de mudança não ocorrem com tanta rapidez.

O caso de Copenhague é um caso emblemático para ilustrar este processo. A partir da década de 1950, com a popularização do automóvel, a cidade passou a ter grandes congestionamentos. A intensa vida do centro da cidade, presente desde que Copenhague surgiu, no século 11, começava a dar lugar ao trânsito e lúgubres estacionamentos. Foi então que o jovem arquiteto Jan Gehl, recém-contratado pela prefeitura, resolveu arriscar uma solução: fechar as ruas para os carros. Os comerciantes e moradores de Copenhague não aceitaram a novidade. As manchetes dos jornais

expressavam a revolta: "Nós não somos italianos", dizia uma manchete, enquanto outra explicava, "Usar espaços públicos é contrário à mentalidade escandinava".

Mas depois de alguns anos Gehl ganhou a disputa e o calçadão de pedestre, chamado de Stroget, logo tornou-se a maior atração turística da cidade. O comércio da região acabou lucrando mais, porque mais gente passou a caminhar em frente suas vitrines. E o arquiteto ganhou mais espaço na prefeitura e provou que, quanto mais rua era construída, mais trânsito aparecia. E que quanto mais ciclovia, mais gente pedalava. No todo, foram necessários 20 anos para que as pessoas trocassem o carro pela bicicleta. Hoje, Copenhague é a cidade europeia com menor congestionamento. Registra, em paralelo, o maior índice de descolamento feito com bicicleta (36%), embora o clima seja rigoroso.

Com o sucesso, Jan Gehl abriu uma consultoria cujo lema é "primeiro vem a vida; depois, os espaços; depois, os prédios". E passou a ser contratado por várias cidades como Londres, Nova York, Sidney, Melbourne, Barcelona, entre outras, não só para "copenhaguiizar" os problemas de trânsito, mas para valorizar e incentivar a permanência e a utilização do espaço público pelas pessoas e não pelos carros.

Resta saber agora, se os cidadãos de São Paulo estão prontos para seguir as pedaladas dadas por essas metrópoles, ou continuarão estagnados no trânsito.

**Cauê e Manuela são estudantes de Ciências Sociais.**

## GAUCHE NA VIDA

## Elo perdido

*José Miguel Wisnik*

Sinto necessidade de continuar falando de Nicolau Sevcenko, historiador e professor paulista, autor de "Literatura como missão" e "Orfeu extático na metrópole", morto repentinamente na semana passada. Estando ele aposentado do departamento de História da USP, e desde 2009 dando aulas em Harvard, fazia tempo que eu não o via. A distância do Brasil e do ambiente universitário que ele povoou com a sua personalidade intelectual exuberante, distância que soava um pouco assim como um exílio, fica me chamando e me faz voltar a ele.

Nicolau era uma figura singular, que eu não vou nem tentar descrever aqui. Tento pelo menos narrar, então. Filho de imigrantes ucranianos, o pai, segundo lembro ele me dizer, era um trabalhador manual que morreu em acidente numa dessas enormes empresas da Baixada Santista, a Cospa ou a Refinaria de Cubatão. A família mudou-se para um reduto industrial de imigrantes eslavos na zona leste de São Paulo, cujo centro da cidade Nicolau veio a conhecer intimamente como office boy. Quando entrou no curso noturno da USP, tendo que atravessar São Paulo de ponta a ponta, numa operação que tomava quatro ou cinco horas diárias, tinha dias em que não conseguia voltar para a Vila Prudente. Era o início dos anos 1970, e ele dormia eventualmente no jardim da

Biblioteca Mário de Andrade ou numa esquina da Rua Augusta, protegido pelo toldo da livraria Mestre Jou.

Eliminem disso que estou contando qualquer efeito pitoresco. Quero dizer que esse historiador social da cultura conhecia desde sempre o fenômeno da cidade de uma perspectiva múltipla e excêntrica - fora e dentro do centro. Para quem a vida já era uma etnografia urbana em curso, a extração social de classe vinha colorida pela profusão da experiência antropológica, pelos diferentes olhares do lugar e lugares do olhar. Não foi de graça que Nicolau Sevcenko tornou-se o grande historiador dos tremendos desequilíbrios exploradores, especuladores e opressores que constituíram nossas cidades, especialmente Rio e São Paulo em rota de transformação da Monarquia para a República, do rural para o urbano-industrial, do trabalho escravo para o trabalho assalariado, da província para a metrópole fremente, sem perder de vista a vitalidade inspiradora que emana da "urbe labiríntica".

Fato excepcional na Universidade, e fator desequilibrante a seu favor, nesse ponto, combinava o sentido crítico agudo, e ricamente fundamentado, com uma generosidade anarcotópica que extraía sua força da aposta na ebulição imprevisível das cidades e nas "culturas refratárias" que respondem, nos seus meandros e vieses, suas periferias e quebradas, suas artes polimorfas, ao impacto das transformações tec-

nológicas. Nicolau não entrava no baixo astral compulsório de quem olha o estado contemporâneo das coisas sem abertura para o horizonte da experiência, nem participava do campeonato de ilusões perdidas que é de praxe entre espíritos acadêmicos supostamente avisados.

Em 2000, publicou numa coleção chamada "Brasil Cidadão" o livrinho "Pindorama revisitada - Cultura e sociedade em tempos de virada", que não deixava de garimpar perspectivas promissoras para o país, mesmo que nebulosas: "é preciso nunca perder de vista o prodígio" - entenda-se, a graça da vida, a potência do extraordinário, a dimensão de acontecimento que está latente na experiência coletiva acumulada.

O turbo-capitalismo mundial, segundo expressão sua em entrevistas relativamente recentes, desmontou a perspectiva de uma ascensão escalonada a oportunidades crescentes de qualidade de vida, na seqüência das gerações, segundo o modelo piramidal de bem estar social, e instaurou um achatamento concentracionário que parece mais o de "um ovo estralado na frigideira", com uma gema dourada no meio e uma enorme mancha social espalhada em torno, "indistinta, esgarçada, rarefeita e queimada nas beiras". A imagem desse processo de dispersão opressiva e destruidora fala por si mesma, e do desejo de revertê-lo.

Vejo Nicolau Sevcenko como a expressão formidá-

vel de uma geração universitária, que é também a minha, que fica numa posição intermédia entre os grandes totalizadores que nasceram e se formaram antes da Segunda Guerra, e que se beneficiaram de sistematizações que vieram do século XIX, e os atuais professores submetidos ao currículo Lattes, a base de dados que condena o pesquisador a marcas de produtividade dentro dos limites da sua especialização. Entre a totalização clássica do conhecimento e a abdicação desta em favor da pesquisa especializada, o desespecialista programático, que se aventura pelo espírito com as armas de um método composto, interperando uma realidade em mutação com suas formulações heteróclitas, pode ser visto como uma espécie de elo perdido. Às vezes como perdido (e um pouco dessa melancolia eu sinto no exílio de Nicolau). Mas nele mesmo, e luminosamente, como um elo.

*José Miguel Wisnik é músico, compositor e professor de Literatura Brasileira na Universidade de São Paulo.*

*O texto acima foi publicado em O Globo 23/8/14*

**Nesta sessão, apresentamos pequenos textos críticos acerca das várias dimensões da vida humana. Se você tiver contribuições (no máximo 5.000 caracteres com espaços), mande ver.**

## MOVIMENTOS SOCIAIS

# Dez metroviários deverão ser readmitidos

Na quinta-feira, 28/9, a Justiça do Trabalho alegou que a demissão de 10 dos 40 metroviários grevistas não foi legal, pois não há acusações concretas que apontem a culpa dos trabalhadores. Portanto, em liminar, a Justiça decretou que os dez devem ser readmitidos.

O juiz do Trabalho Thiago Melosi Sória, da 34ª Vara do Tribunal Regional da 2ª Região, que

cuidou do caso, intimará o Metrô dia 1º, que terá cinco dias para reintegrar os funcionários.

Os dez metroviários são: Alex Santana, Camila Ribeiro Lisboa, Fábio José Bosco, Isaac Souza de Miranda, João da Silva, Marcelino de Paula, Marcelo Alves de Oliveira, Marcelo Xavier Bovo, Raimundo Borges Cordeiro de Almeida Filho e Raquel Barbosa Amorim. Para que os proces-

sos fossem julgados, os trabalhadores demitidos foram divididos em grupos e somente o primeiro grupo foi julgado por enquanto.

O Sindicato dos metroviários de São Paulo declarou greve da categoria em junho desse ano, pois o Metrô não aceitou a proposta de reajuste salarial. A empresa demitiu 42 funcionários grevistas, mas dois deles foram imediatamente readmitidos.

## Hospital Universitário de Bauru será desvinculado da USP

Na reunião do Conselho Universitário da USP, que aconteceu na terça-feira, 26/8, o reitor Marco Antônio Zago adiou a votação da desvinculação do Hospital Universitário, retirando-a de pauta por um mês. Entretanto, durante a reunião, a desvinculação do Hospital de Reabilitação de Anomalias Craniofaciais (HRAC) de Bauru foi aprovada por 63 votos a favor, 27 contrários e 16 ausências, sendo que a proposta se tornou pública somente no dia 14/8 e foi divulgada oficialmente dias depois.

A Reitoria queria aprovar imediatamente ambas as propostas de desvinculação numa reunião conturbada e tensa, devido à pressão dos estudantes para manutenção dos hospitais universitários. Mas Zago, por fim, anunciou que a decisão seria adiada, para que as rei-

vindicações dos alunos da Faculdade de Medicina e da Escola de Enfermagem sejam consideradas.

### SINTUSP E REITORIA AINDA SEM ACORDO

A reunião de conciliação entre o Sindicato dos Trabalhadores da USP (Sintusp) e a universidade, que aconteceu na quarta-feira, 27/8, terminou sem acordo, pois a Reitoria não propôs reajuste salarial. A Justiça do Trabalho considerou o corte de ponto dos servidores em greve ilegal e os autos foram enviados para o Tribunal Regional do Trabalho da 2ª Região, que pode decretar o abono dos dias descontados. O corte salarial só poderia ser feito depois da negociação com o sindicato ou sentença que julgasse a greve abusiva.

## Dia de lutas do MTST acontecem pelo país

O Movimento dos Trabalhadores Sem-Teto promoveu na quarta-feira, 27/8, uma série de mobilizações pelo país. As Secretarias Municipais de São Paulo, Taboão e Embu e a Secretaria Estadual de São Paulo foram ocupadas, como forma de reivindicar melhores condições na saúde pública.

Em Fortaleza, uma manifestação por Paz, Pão e Terra reuniu cerca de mil trabalhadores no Ceará.

Já em Brasília, um ato na Secretaria de Estado de Desenvolvimento Social e Transferência de Renda (Sedest) do Distrito Federal pelo cumprimento dos acordos de moradia com o MSTS contou com a presença de mais de dois mil sem-teto.

## Comitê Contra a Criminalização prepara novas ações

O Comitê Contra a Criminalização dos Movimentos Sociais, que conta com estudantes e professores de várias universidades, além de militantes de inúmeros movimentos sociais, se reuniu novamente na quinta-feira, 28/8, para debater os próximos passos do coletivo.

Com a presença da APROPUC e de militantes das Juventudes do PSOL e do PSTU, os presentes discutiram sobre o lançamento do comitê em ato na quinta-feira, dia 21/8, que contou com muitos representantes de coletivos, partidos e movimentos e falas que pautavam a descriminalização da PM, os movimentos nas ruas do Brasil desde o ano passado e a política de segurança dos governos atualmente.

Além do ato, os presentes colocaram a necessidade de articular novas ações, com a mudança da conjuntura: a sindicância interna da PUC-SP contra os professores Jonnefer Barbosa, Peter Pál Pelbart e Yolanda Gloria Muñoz foi arquivada, principalmente pela pressão exercida por toda a comunidade e por setores da sociedade civil, assim como Rafael Marques e Fábio Hideiki, presos sem provas durante um ato em São Paulo, foram libertados.

A próxima reunião do comitê acontecerá no dia 11/9, às 18h, na APROPUC, para debater a organização de um ato-debate sobre a criminalização dos diversos movimentos sociais.

# ROLA NA RAMPA

## Exposição sobre quadrinhos na biblioteca da PUC-SP

Entre os dias 2/9 e 3/10 acontece na PUC-SP uma exposição sobre as histórias em quadrinhos, além de debates e encontros com autores, em parceria da PUC-SP com a Associação dos Cartunistas do Brasil e do Instituto Memorial das Artes Gráficas do Brasil, coordenada por Edilaine Correa pesquisadora em artes gráficas da PUC-SP e coordenadora do evento. Fernando Gonsa-

les, Laudo Ferreira, Alex Mir, Gilberto Maringoni, Sonia Luyten, Sidney Gusman e Caeto são alguns dos autores que estarão nos encontros com os leitores. O evento é realizado pela Pró-Reitoria de Cultura e Relações Comunitárias PUC-SP, pela Associação dos Cartunistas do Brasil e IMAG - Memorial das Artes Gráficas do Brasil. Abaixo divulgamos os eventos desta semana.

2/9 a 3/10	Exposição "A História dos quadrinhos no Brasil"	Saguão da Biblioteca
2/9 20h	Palestra "Mercado de Trabalho para a área de Quadrinhos", com Jal e Gualberto Costa	Auditório Paulo VI Biblioteca
2/9 a 3/10 10 a 19h	Feira de Quadrinhos - Encontro e autógrafos com autores de quadrinhos	Saguão da Biblioteca e Auditório Paulo VI

## 13ª Semana de Recrutamento acontece na PUC-SP



A 13ª edição da Semana de Recrutamento da PUC-SP traz à universidade diversas empresas interessadas em divulgar seus trabalhos e contratar novos estagiários para suas funções. Este ano,

participarão as empresas AIG Seguros, Bradesco, Deloitte, Itaú, Odebrecht, entre outras. Para informações, acesse [www.pucsp.br/semanaderecrutamento](http://www.pucsp.br/semanaderecrutamento)

### Campus Perdizes

Data: 02 e 03 de setembro de 2014  
Horário: das 9h às 12h30 e das 18h às 21h30  
Local: Rua Ministro de Godoi, 969, Perdizes

### Campus Consolação

Data: 04 de setembro de 2014  
Horário: das 9h às 12h30 e das 18h às 21h30  
Local: Rua Marquês de Paranaguá, 111

## Evento sobre a Palestina tem sala liberada pela Fundasp

Após a reitoria da PUC-SP negar à APROPUC a reserva de um auditório na universidade para realizar um debate sobre a situação da Palestina, a Fundação São Paulo, a pedido da entidade, autorizou o uso do auditório 239 para a atividade. O evento Palestina Livre ocorrerá nos dias 16 e 17/9, em horário a ser confir-

mado, e contará com a presença dos professores Lúcio Flávio Rodrigues de Almeida (departamento de Política), José Arbex (Jornalismo), Virgínia Fontes (UFF), APROPUC, Neils, Núcleo de Estudos e Aprofundamento Marxista (Neam), da LER-QI e do Comitê Contra a Criminalização dos Movimentos Sociais.

## Seminário debate as relações entre Jornalismo e Direito

Os departamentos de Jornalismo e de Teoria Geral de Direito organizam nos dias 3 e 4/9 debates sobre os novos desafios das duas áreas. Coordenado pelos professores Ana Paula Sebe Filippo, Celso

Fernandes Campilongo, Rodrigo Priolli e Valdir Mengardo, os painéis acontecerão no auditório 100A, do Prédio Novo do campus Monte Alegre. Confirma a programação abaixo:

03/09 QUARTA-FEIRA 8:00H	DIREITOS DA PERSONALIDADE E MÍDIAS	COORD. ANA PAULA S. FILIPPO PALESTRANTES: ROBERTO MAIA FILHO, VALDIR MENGARDO, VIDAL SERRANO
03/09 QUARTA-FEIRA 19:30H	DIREITO NA SOCIEDADE DE INFORMAÇÃO	COORD: ÁLVARO DE AZEVEDO GONZAGA PALESTRANTES: HAMILTON OCTAVIO DE SOUZA, JOÃO PAULO CHARLEAUX, ROBERTO SENISE LISBOA
04/09 QUINTA-FEIRA 19:30H	LIBERDADE DE EXPRESSÃO E LIMITES/LIBERDADE DE EXPRESSÃO E MANIFESTAÇÕES POPULARES	COORD: CLÉRIO COSTA PALESTRANTES: CELSO FERNANDES CAMPILONGO, MARCOS LUIZ CRIPA, MARIA GARCIA, WLADYR NADER

## Professoras lançam livro sobre História da Arte

As professoras da PUC-SP Elaine Caramella, Priscila Arantes e Sonia Regis, do departamento de História, Crítica e Curadoria, lançam no dia 4/9 o livro "Arte: história, crítica e curadoria", do qual são organizadoras, pela editora Educ - Editora da PUC-SP. Os artigos do livro são fruto do Simpósio Internacional "Outras utopias da arte contemporânea: política, me-

mória e experiência estética", realizado na PUC-SP em parceria com a Bienal de São Paulo e estão agrupados em três eixos temáticos ("Arte, crítica e processos de legitimação", "Curadoria e Arte Contemporânea" e "Experiência estética, tempo e o efêmero na arte"). O evento acontece na Livraria Cortez (Rua Bartira, 317, Perdizes), a partir das 18h30.